

Sammy

Villas-Bôas Corrêa

AS circunstâncias ajudam a compor o disfarce. Sem atenuantes, a crise estaria à vista, com toda a sua gravidade densa: a popularidade do presidente José Sarney caiu, em dois meses, dez pontos, confirmando tendência registrada desde a decretação do empréstimo compulsório, em julho, através de um subterfúgio que alcançou em cheio o coração da credibilidade mágica do cruzado.



Coisas da política

A queda vem acentuando a curva descendente constante, embora lenta: Sarney escorregou de um pico de 64% para os atuais e bem mais modestos 34% de aceitação nacional, englobados nos severos critérios de aprovação internacional das pesquisas, que só consideram positivas as respostas que reconhecem que o governo vai muito bem e bem. O regular é uma condenação.

Ora, o período abrangido pela pesquisa do Gallup está acolchoado de justificativas que amortecem o tombo e, como molas de socorro de trapezistas, podem inverter o despencar, com o impulso que joga o artista até a lona do teto.

14 OUT 1986

Disfarces da crise

JORNAL DO BRASIL

Na verdade, a campanha eleitoral vem poupando o presidente José Sarney, o qual, de sua parte, tem sabido poupar-se, dosando as intervenções aos casos absolutamente indispensáveis. Como no Maranhão, uma pendenga sentimental, a enlaçar toda a família do Presidente mas que está sendo premiada por um sucesso retumbante. O ex-desafeto Epitácio Cafeteira, um campeão de popularidade na ilha de São Luís, somou a ajuda dos Sarney e está com uma liderança de fazer inveja aos malsucedidos, aos remediados devotos. Desta vez, pelo que os índices confirmam em absoluta unanimidade, o Presidente lava a alma, vai à forra da eleição de Gardênia para a Prefeitura da capital do seu Maranhão e despede o senador João Castello, um amigo e correligionário de fé, desentendido nas esquinas da política, para as funduras de uma derrota acachapante, sem explicação nem choro.

São Paulo é uma angústia pendurada em dúvidas e equívocos. Paulo Maluf, na dança dos números, caiu para terceiro mas está encostado no favorito do momento, que é ainda teoricamente o industrial Antonio Ermírio de Moraes. Mas, se Orestes Quêrcia, de fato, se recupera em virada tão impressionante como inexplicável, o desmerecido candidato do PMDB está naquela marcha batida que só estanca na boca da urna. Quem arrancar nos 30 dias finais e decisivos está no passo certo da vitória. Salvo incidente.

Mas, afinal, para o presidente José Sarney, uma vitória do Quêrcia, mesmo pouco desejada, não confi-

gura uma calamidade. Pode ser contabilizada como um êxito a mais do PMDB, que também se credita na coluna do governo. Duro para o Presidente será suportar o dr. Ulysses Guimarães, candidato assumido e inflado de empáfia. Sarney, que diabo, já deve ter adquirido prática...

Ermírio seria o ideal, a sopa no mel. Mesmo Maluf não deveria assustar o Presidente. Um êxito muito paulista, à Jânio — que não deu em nada, desmentindo todas as especulações carregadas de erros de avaliação, em superestimação das artes eleitorais de um bruxo decadente e que produziu seu último espetáculo) — sem sustentação nacional. Governador de São Paulo, Maluf teria extremas dificuldades em superar a rejeição da maioria do povo que, dividido, votou contra ele. E o PDS não tem mais fôlego nem perna para carregar uma candidatura presidencial de morro acima, em eleição direta.

Aqui pelo Rio de Janeiro é que, pelo visto, as coisas ameaçam escurecer na nesga de céu fluminense que o Sarney enxerga da sua janela. Os brizolistas estão num grande assanhamento, arrotando vantagens enquanto são visíveis o susto e a preocupação que vincam a testa do favorito Moreira Franco, perdendo pontos nas pesquisas, embora com grande sobras de superioridade.

Uma eventual, difícil mas não impossível vitória de Brizola, mesmo solitária, tisonada pela derrota no Rio Grande do Sul, não está nos cálculos do presidente

Sarney. E teria os seus reflexos imediatos nas especulações sucessórias, ricocheteando na Constituinte.

Afinal, nem tudo são flores na colheita das urnas. Um ou outro espinho não enfeia o buquê.

A campanha que vem passando ao largo do presidente Sarney, estadualizada no passionalismo das rixas regionais, livra-o do risco de um desgaste com o julgamento crítico do cruzado e de seus atuais sobresaltos.

Uma pesquisa, hoje, talvez confirmasse as previsões de uma recuperação da popularidade presidencial, por conta do confisco dos bois. A carne não apareceu nos açougues, não encurtou as filas da exasperação. Mas criou nova expectativa, com todos os perigos do insucesso e as promessas da reviravolta na hipótese do sucesso.

A crise temida da queda da popularidade recordista do presidente José Sarney aconteceu num instante em que a opinião pública está canalizada para a campanha eleitoral e com renascidas esperanças de matar as saudades do bife.

Ainda bem. A frio, em época normal, rotineira, daria para assustar e muito. Pois o presidente Sarney necessita de popularidade para sustentar um governo que o PMDB não escora com a solidariedade confiável e permanente. A transição está se aproximando do seu desfecho, com a eleição do Congresso-Constituinte. Se desanda agora, o bolo sola. E a receita não pode ser repetida.